

## Nota para o Leitor

«Enquanto for isto ou aquilo,  
não serei tudo»

MEISTER ECKHART

Ultimamente, tenho tido tantas perguntas na minha cabeça.

Perguntas perturbadoras. Perguntas assustadoras. Perguntas deste tipo:

Podem ser considerados seres humanos os membros do ISIS, que, entre outras atrocidades, cortam gargantas diariamente na Síria e no Iraque em nome do seu deus?

Podem ser considerados seres humanos os cruzados cristãos, que, entre outras atrocidades, queimaram supostas «bruxas» no início da Europa moderna, também em nome do seu deus?

Podem ser considerados seres humanos os afiliados talibãs, que, entre outras atrocidades, mataram cento e trinta e duas crianças inocentes numa escola em Peshawar, no Paquistão, a 16 de Dezembro de 2014?

Podem ser considerados seres humanos os militantes de Boko Haram, que, entre outras atrocidades, massacraram mais de duas mil pessoas em Baga, na Nigéria, entre 3 e 7 de Janeiro de 2015?

Podem ser considerados seres humanos os radicais da Al-Qaeda, que, entre outras atrocidades, dispararam

sobre os cartunistas do Charlie Hebdo, porque estes «se atreveram a gozar» com o seu profeta, em Paris, França, a 7 de Janeiro de 2015?

E o que dizer do exército Otomano, que exterminou mais de um milhão de Arménios? E o que dizer dos responsáveis pelo genocídio no Ruanda? E o que dizer de Adolf Hitler, Hermann Göring e Joseph Goebbels? O que dizer de Pol Pot? Kim Il-sung? Hafez e Bashar al-Assad?

Será que partilho o mesmo ADN, o mesmo denominador humano, com estes e outros tantos criminosos atrozés? Pertencemos todos à mesma espécie? Não haverá por aí outra «versão humana» mais nobre, na qual eu, tu, e todos os que não são «assim», nos possamos filiar?



Também tenho pensado em questões de outro tipo.

No seu romance de 1963 *Le fou d'Elsa*, o poeta francês Louis Aragon escreveu uma famosa frase que captou a minha atenção e que me provoca desde que a li: «A Mulher é o futuro do Homem».

Ok. Nada mau. Talvez até maravilhoso, para alguns. Mas estas palavras, ainda que lisonjeiras quanto ao género que me foi atribuído, nunca conseguiram convencer-me. Não gostei da ideia de que a Mulher fosse o «futuro do Homem», sobretudo porque isso implicaria que o Homem se tornasse «passado», obsoleto, extinto. Não penso que a Mulher deva substituir o Homem. Não é sua herdeira. Não deve derrubá-lo para ocupar a sua posição de vantagem. Não deve vingar-se dele. Não deve cancelá-lo. Não deve superá-lo. Não deve estabelecer um sistema de poder injusto com o intuito de suplantar o seu preconceituoso sistema patriarcal. Não deve ser uma «versão» melhorada, actualizada ou avançada dele... Basta destas guerras absurdas, exclusivistas e estéreis! Não

haverá por aí outra «versão humana» mais nobre, na qual nos possamos filiar, sejamos Homem ou Mulher?



Então, cheguei lá.

Demorei quarenta e quatro anos, mas finalmente percebi: A tal «versão humana» mais nobre que eu procurava é simplesmente o ser humano; isto é, um ser humano que transcende as diferenças dele/dela (*em vez de as cancelar*); um ser humano que transcende o género dele/dela (*em vez de o frustrar*); um ser humano que transcende as características dele/dela (*em vez de as negar*); mas, acima de tudo, um ser humano que transcende tudo o que infunde ódio e má vontade nele/nela.

Um ser humano desprovido de quaisquer classificações e influências, excepto a da sua humanidade.

Numa época em que corpos decapitados vagueiam pelos nossos espaços interiores e exteriores, e o terror alastra como um universo paralelo prestes a engolir-nos a todos, esta pode ser a resposta. Isto, o «terceiro sexo» que todos devíamos esforçar-nos por ser.

Portanto, querido leitor, contemple o *Humanus* (*humano em latim*): O seu futuro. O meu futuro. O nosso futuro. *Humanus* é o nosso amanhã tanto quanto é o nosso passado; a nossa origem tanto quanto o nosso destino. É o antes e o depois; o além e o aquém. O nosso único e verdadeiro unificador; a nossa única e verdadeira salvação enquanto espécie, e, conseqüentemente, o nosso único e verdadeiro deus: o deus que existe — adormecido, silencioso ou intimidado — em cada um de nós, aquele que precisamos urgentemente de despertar, ressuscitar, manifestar e encorajar.

*Humanus* pode ser masculino, feminino, ambos ou nenhum. Pode ser jovem, velho, ou qualquer coisa de intermédio; rico, pobre ou de classe média. Pode ser negro

ou branco; árabe ou ocidental; caucasiano ou indígena; um monoteísta, um politeísta, um não-teísta, um naturalista, um agnóstico ou um ateu; um heterossexual, um homossexual, um bissexual, um assexual ou qualquer das *nuances* entre eles. A única coisa que Humanus não pode ser é deusmano. Tudo o resto é simplesmente irrelevante: porque Humanus é o núcleo universal que se encontra debaixo dessas e de outras crostas. É o ouro debaixo da lama. E temos tido imenso talento para, ao longo do tempo, criar lamas e crostas e embrulharmo-nos nelas.

Humanus, humanitário, de facto: é tão simples e tão complicado quanto isto. É a melhor resposta para as perguntas que tentam classificar-nos e enfiar-nos em gavetas divisórias: quem és tu? Como te chamas? És de onde? Para onde vais? Que idade tens? Quem são os teus pais? Quanto dinheiro ganhas? Qual é a tua etnia? Que religião praticas? Qual é o teu género? Qual é a tua orientação sexual? Quais são as tuas convicções políticas? Qual é o teu nível de educação? Qual é o teu emprego? Etc.

«Eu sou humanitário» significa que sou livre, sou empático; sou atencioso; sou generoso; sou bondoso; tenho compaixão; sou evoluído e envolvido; sou terno; sou decente; sou digno; sou corajoso; sou perspicaz; sou trabalhador; sou justo; tenho uma mente aberta; sou ambicioso; sou independente; sou tolerante; sou talentoso; sou franco; sou atento; sou assertivo; sou empenhado; sou consciente. «Eu sou humanitário» significa que sou contra a indiferença; contra o justicialismo; contra a mesquinhez; contra a apatia; contra a intolerância; contra o ódio; contra a homofobia; contra o racismo; contra o sexismo; contra o clasismo; contra a submissão; contra o preconceito; contra o fanatismo; contra a ignorância; contra a falta de propósito; e a lista continua.

Não me entendam mal: não sou nem uma pregadora «moralista», nem uma romântica impraticável, nem uma pacifista utópica. Como irão descobrir neste modesto li-

vro, Humanus não dá a outra face: luta, com afínco e vagar, pelo tempo e com a força que forem precisos. Humanus fala, não fica em silêncio: diz Não, mas também diz Sim quando o Sim faz mais sentido. Humanus não é um/uma mártir: sabe que precisa de se amar a ele/ela própria antes de tudo, de modo que consiga amar outros. Humanus confronta: não manipula nem aceita que o/a manipulem. Humanus planeia: não se limita a sonhar, desejar, suspirar e esperar que as coisas aconteçam. Humanus não é santo/a, nem diabo/a, nem herói/heroína, nem anti-herói/heroína: situa-se fora dos jogos chantagistas entre preto e branco. Resumindo, Humanus não é um Cândido ingénuo nem a madrasta má da Cinderela; não é um invencível James Bond nem a desesperada Emma Bovary; não é um Super-Homem onnipotente, nem uma conciliadora Xerazade...

Agora digam-me: não queremos e merecemos todos — bem, quase todos — ser este Humanus?



À primeira vista, *O Terceiro Sexo* pode parecer um livro de instruções. Mas não o é. É antes a história de sete percursos muito individuais que não pretendem ser necessariamente úteis a outrem ou aplicáveis a todas as vidas. É simplesmente a humilde «proposta» de um mapa, um entre os muitos que o antecederam e outros que certamente virão a suceder-lhe. O tom deste trabalho é íntimo e «confessional», não imperativo, predicante ou condescendente. Alimentará, no entanto, a esperança de inspirar outros, ou de iluminar algures uma zona sombria? Humanus conta com isso.

*O Terceiro Sexo* pode também parecer uma obra de ficção científica. Mas não o é. Quer antes pertencer ao género da «ficção premonitória». Tal como as viagens ao espaço, entre tantas outras missões que em tempos pareceram

impossíveis, foram conquistadas na realidade depois de terem sido previstas, com grande antecipação, pelos livros e filmes chamados de ficção científica, também nós o faremos, e havemos de conquistar Humanus.

Por último, mas não menos importante, *O Terceiro Sexo* pode parecer um *clin d'oeil* a *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. De certa forma, é; mas, por outro lado, não é. Também não é sobre o terceiro género que algumas culturas (como a Índia, o Bangladesh ou a Tailândia) começaram já a identificar, para descrever indivíduos andróginos, intersexuais, sem género ou que não se identificam com género nenhum. *O Terceiro Sexo* retratado neste livro quer transcender os discursos feministas e de género, de modo a atingir um discurso humanitário abrangente. Pretende dizer que Humanus é o Novo Género, e Humanismo é o Novo Feminismo (do mesmo modo que é a Nova Moralidade, a Nova Filosofia Política ou o Novo Modelo Económico, etc.).

Embora os movimentos e ideologias feministas se tenham vindo a tornar mais inclusivos, em particular ao longo deste terceiro milénio, continuam a ser, na prática, considerados «coisas de mulheres». Assim, após o «humano feminino» e o «humano masculino», chega o «humano humanitário», não para se distinguir dos anteriores, mas antes para os enriquecer, para os complementar e para os representar a ambos e a «outros»; especialmente a Outros: aqueles que não correspondem a nenhuma categoria «politicamente correcta». Portanto, o terceiro sexo não é bem um «terceiro», mas sim o primeiro, o segundo e todos os outros em simultâneo. Assim sendo, esta obra quer posicionar-se para lá da discussão de género: numa forma de libertação respeitosa que me faltava pessoalmente, mas fui adquirindo aos poucos. Propõe-se transmitir uma atitude de «virar as costas» a todas as classificações existentes (*sexo biológico, género, orientação sexual, identidade sexual, etc.*) e às análises exaustivas que as acompanham: análises que muitas vezes se preocupam tanto em aplicar um nome específico a um

fenómeno ou a uma experiência que se «atreveram» a anteceder ou desafiar o esperado «diagnóstico», que acabam por o sufocar e o trancar atrás das grades da retórica, das «justificações» e do escrutínio psicológico.

Mas Humanus não precisa de validação.

Humanus é.

*(Num aparte: como gostava de, neste livro, ter podido ultrapassar as regras gramaticais entre o masculino e o feminino, de ter podido falar do humano usando um só pronome que incluísse, intrinsecamente, todos os sexos, sem diferenciações. Mas, infelizmente, ainda não temos esse pronome em inglês, apesar do trabalho dos muitos apoiantes de uma língua neutra em relação ao género.)*

Outra clarificação necessária: dividi o livro em sete capítulos. Cada capítulo pretende realçar uma qualidade particular que eu pessoalmente necessitei de adquirir, de nutrir e de desenvolver como parte da minha própria «operação Humanus». Essas qualidades são, respectivamente: a Lutadora, a Verdadeira, a Pensadora, a Ouvinte, a Compassiva, a Orgulhosa e a Rebelde.

Cada capítulo consiste em três segmentos: a História, o Destino e o Diálogo.

A História é a narrativa de uma experiência da minha vida pessoal relacionada com esta busca, através da qual procuro mostrar a verdadeira ferida de onde ideias, aspirações e propostas sangraram; assim, peço que me perdoem o uso de demasiados eu(s), meu(s) e minha(s).

O Destino é uma representação poética do lugar onde a viagem nos poderá eventualmente conduzir.

O Diálogo é um debate feito de prós e contras, de argumentos e contra-argumentos; uma espécie de confronto intelectual com os demónios que silvam nas nossas cabeças, visando alcançar o espectro mais vasto possível de perspectivas sobre o assunto. As opiniões e convicções nele

formuladas podem soar insatisfatórias ou até inadmissíveis para alguns de vós: é até previsível que assim seja, dado que resultam dos meus próprios pensamentos, dos meus próprios «demónios», e dos meus próprios padrões de reflexão. E é ótimo que assim seja, já que o objectivo desta secção é meramente o de ilustrar a importância do «exercício de questionamento» em si mesmo, não o de impor um padrão particular ou uma conclusão específica. Trata-se apenas de um exemplo extraído dos sete mil milhões de possibilidades.

Por último, todos os capítulos terminam com um conselho que Platão, o filósofo, nos podia ter dado no seu leito de morte.

Cada uma destas sete qualidades está ligada a uma parte específica do corpo humano que desempenha um papel simbólico relevante para a sua concretização, e começa por uma das sete letras que formam a palavra HUMANUS.

Será escusado repetir que as capacidades aqui enumeradas não são restritivas nem abrangem todas as possibilidades. Foram vitais para mim devido à minha própria vida, aos meus defeitos e objectivos. Talvez sejam diferentes, aquelas que vos inspiram.

Convém dizer que a ordem dos capítulos não pretende sugerir uma ideia de importância ascendente ou descendente aos temas: todas as qualidades são igualmente importantes e essenciais. Não existe uma hierarquia absoluta e pré-estabelecida na concretização do «projecto Humanus», já que a dificuldade de cada fase muda consoante o indivíduo, variando assim de uma pessoa para outra, de acordo com a sua educação, experiência e condições, bem como o seu próprio leque de características. A sequência adoptada aqui é meramente «morfológica», já que foi ditada pela ordem das letras da palavra «Humanus». Por conseguinte, as qualidades podem ser fortalecidas ou perseguidas, tanto nesta ordem particular, como noutra, ou em simultâneo; podendo ainda ser substituídas



por diferentes qualidades humanitárias que se mostrem mais pertinentes em relação a si e à sua vida.



Mas que tem Platão a ver com tudo isto? E qual é a história desse nosso encontro, pouco antes da sua morte?

Tal como consta da sua biografia, Platão «morreu em repouso na sua casa em Atenas, enquanto uma jovem trácia lhe tocava flauta». Mas não antes de me convocar para o seu leito de morte, e me dizer uma ou duas coisas que lhe pesavam no peito. Aqui fica o relato da nossa conversa:

**Eu:** Porque me convocou, Professor?

**Platão:** Percebi que não disse tudo o que tinha a dizer na minha *República*.

— Mas porquê eu? Há muitos por este mundo mais merecedores da sua confiança: filósofos e pensadores que passaram longos anos a estudar as suas ideias e visões, enquanto eu me sinto pessoalmente alienada por elas desde que li a sua condenação da poesia e dos poetas no décimo livro, onde decide bani-los da «Cidade». Não concorda que estou mal preparada para os seus dons?

— O mensageiro não deve duvidar das razões que levaram à sua escolha entre todos os outros. O mensageiro deve apenas transmitir a mensagem. Discute a nuvem com o oceano, enquanto a sua água lhe ascende? Aceita a oferta e, com humildade, redistribui-a.

— Muito bem, vamos ouvir o que tem a dizer. O que falta na sua *República*?

— O ser humanitário.

— O ser humanitário? Como é possível? Não dedicou inúmeras páginas à descrição da natureza do «Homem Justo»?

— Dediquei, mas cometi um erro imperdoável. Fiquei tão preso à dimensão abstracta que condicionei esse

Homem aos critérios e à hierarquia da minha cidade, quando devia ter feito precisamente o oposto. Segreguei as pessoas por classes, distinguindo entre os aptos para o governo, a guerra e o trabalho. Moldei-os de acordo com princípios de poder mutuamente exclusivos (*a mente, a paixão ou a luxúria*), quando devia ter celebrado a sua capacidade de possuir os três, e mais ainda. Isto é, a sua capacidade de serem humanitários.

— Mas não reforçaria isso um idealismo impossível que o Professor já é acusado de promover?

— Não há nada de errado com os ideais; são sempre aplicáveis quando assim o decidimos. A mente apenas gera possibilidades, por mais impossíveis que essas possibilidades possam parecer a curto prazo. O caminho da consciencialização segue o seu destino.

— Logo, qualquer pessoa pode ser qualificada?

— Qualquer pessoa é qualificada.

— Qualquer pessoa pode ser rei?

— Tanto como guerreiro e trabalhador. Cada pessoa, cada ser humano pode ser humanitário.

— E os poetas?

— Que aumentem em número.

— O que quer, exactamente, de mim?

— Quero que escrevas o meu conceito actualizado do ser humano e quero que faças do seu potencial humanitário o centro, em vez de o deixares ser apenas um peão eficiente num sistema. Lastima um sistema que é criador em vez de criatura, que é mestre em vez de servo. E outra coisa, antes de partires...

— O quê?

— Diz à flautista que pare. É a minha vez de cantar.